

## A PARTICIPAÇÃO FEMININA NO *TURNESCHAFT-CLUB GYMNASTICO* JUIZ DE FORA

Jakeline Duque de Moraes Lisboa (\*)

Formada em educação Física pela UFJF e Mestre pela mesma instituição.  
Doutoranda dos Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail:  
jaklisboa@yahoo.com.br

### Resumo

A definição da posição e do papel para as mulheres tem sido discutida e apresentada em diversas abordagens conceituais empenhadas nos desvendamentos de posições, de lugares e de papéis desiguais, construídos historicamente e socialmente para mulheres. Esse contexto teórico tem produzido deslocamentos da categoria mulheres para uma nova categoria de análise: as relações de gênero. O objetivo deste estudo é analisar sob a perspectiva da História Cultural, o processo de inserção da mulher nas atividades físicas oferecidas pelo *Turnerschaft-Club Gymnastico* Juiz de Fora/MG, fundado por alemães e teuto-brasileiros em 1909 e que finalizou suas atividades em 1979. Para tanto, utilizamos diversas fontes como documentos, atas, estatutos e fotografias. Concluímos que neste Clube a participação feminina ocorreu de forma lenta e sem conflitos, já no início de suas atividades sendo oferecida a elas atividades que não prejudicariam as características identificadas na sociedade como pertencentes ao feminino como a delicadeza e a beleza.

**Palavras-chave:** Mulher. Turnerschaft. História. Atividade Física. Juiz de Fora-MG.

### Abstract

The definition of the position and role for women has been discussed and presented in various conceptual approaches engaged in unveiling positions, places and different roles, historically and socially constructed for women. This theoretical framework has produced displacements category women to a new category of analysis: gender relations. The aim of this study is to analyze the perspective of cultural history, the process of inclusion of women in the physical activities offered by Turnerschaft -Club Gymnastico Juiz de Fora / MG, founded by Germans and German- Brazilians in 1909 and ended its activities in 1979. We used several sources such as documents, minutes, bylaws and photographs. We conclude that this club female participation occurred slowly and without conflict, since the beginning of its activities being offered the activities that they do not impair the characteristics identified as belonging to society as feminine delicacy and beauty.

**Keywords:** Woman. Turnerschaft. History. Physical Activity. Juiz de Fora- MG.

## ASPECTOS DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ EM JUIZ DE FORA-MG

A imigração alemã no Brasil tem permitido variadas leituras e interpretações. Abordagens históricas, culturais, preservação da memória, estudos socioeconômicos,

investigações genealógicas e teológicas, pesquisas sobre o sistema educacional, formas de práticas corporais e estudos diversos são apenas algumas amostras deste produtivo objeto de pesquisa.

No Brasil as organizações criadas por estes imigrantes serviram como forma de resgate da cultura, onde várias famílias se reuniam para se divertirem e ao mesmo se exercitarem, pois no século XIX na Europa, já estava sendo difundidos pelos intelectuais os ideais de formação de um novo homem capaz de atender as necessidades da nova sociedade burguesa, incluindo aí a prática de atividades.

A cidade de Juiz de Fora, localizada na Zona da Mata Mineira, recebeu em 1856 e 1858 imigrantes germânicos que à época de sua chegada, a cidade e região eram movidas principalmente pela agricultura, através do cultivo do café.

Os motivos para a vinda destes imigrantes para a cidade não estavam relacionados com a utilização de braços livres nas lavouras de café, pois a Província de Minas Gerais no século XIX era uma das principais regiões do Brasil de cultivo de café e a mão-de-obra utilizada nas lavouras era a escrava e libertos.

Pesquisas apontam para duas direções para a utilização da mão-de-obra imigrante. A primeira se refere à construção da estrada União e Indústria, idealizada por Mariano Procópio Ferreira Lage para o escoamento de forma mais rápida do café para o Rio de Janeiro; e a segunda direção estava ligada à criação de um núcleo colonial agrícola, a Colônia D. Pedro II, para a produção de gêneros e abastecimento do mercado interno.

A Estrada União e Indústria, segundo Castro (1987), foi a primeira estrada com características modernas construídas no Brasil e significou para Juiz de Fora o início de uma etapa de desenvolvimento. De pequeno povoado, Juiz de Fora tornar-se-á a cidade mais importante da Província. Trouxe também modificações importantes na própria mentalidade da época, com seu dinamismo e sentido de modernidade.

João Antônio de Paula (2000) mostra a importância de Minas Gerais para consolidação de uma região moderna. Segundo o autor:

Minas Gerais, a capitania que inaugurou a modernidade no Brasil, a província que continuou urbana, populosa e dinâmica, que desenvolveu sistema político e cultural, que diversificou atividades econômicas e comerciais, que continuou a manter grande contingente de escravos, o maior do Brasil, durante o século XIX, Minas Gerais foi tudo isso.

A cidade de Juiz de Fora respirou ares do projeto de civilização da nação brasileira idealizado pelo pensamento republicano. Parte dos trabalhos sobre a história da “Manchester

Mineira” atrela este desenvolvimento de Juiz de Fora ao modelo oferecido pelo Rio de Janeiro. A urbanização, a nova arquitetura, os novos hábitos dos cariocas teriam atravessado a estrada e influenciado diretamente os juizforanos.

Como cidade do Século XIX, Juiz de Fora não participa da cultura colonial mineira. A proximidade e o maior intercâmbio econômico e cultural com o Rio de Janeiro, assim como a luta política contra o predomínio da zona de Mineração, provocam na cidade um maior cosmopolitismo e uma abertura mais acentuada se a compararmos com o antigo centro do ouro. (CHRISTO, 1994)

Dentre os alemães que chegaram primeiro na cidade, temos a presença apenas de homens, em média 150 alemães com diversas especialidades como engenheiros, pedreiros, fundidores, ferreiros, oleiros, pintores, segeiros, pontoneiros, seleiros, mecânicos, carpinteiros. Ao chegarem a Juiz de Fora, os primeiros operários alemães foram instalados no que se pode chamar de Colônia Industrial, que recebeu inicialmente o nome de Villagem. (STEHLING, 1979)

A Colônia D. Pedro II foi uma forma de implantação de núcleo colonial privado. Ela foi criada para o abastecimento do mercado interno e para produção de gêneros alimentícios para a cidade de Juiz de Fora. “ A Colônia D. Pedro II aparece como uma exceção no quadro nacional, sendo a única instalada em região de concentração escravista [...] recebeu subsídios do Estado Imperial, que mais tarde, iria socorrê-la quando de sua falência”. (ARANTES, 2000).

Para a formação desta Colônia, chegou em 1858 um número próximo de 1200 imigrantes, ou seja, em média 150 famílias, entre homens, mulheres, crianças e idosos. (STEHLING, 1979)

Além das contribuições para a sociedade nos setores políticos e econômicos, estes imigrantes trouxeram uma grande riqueza cultural. Costumavam, aos domingos, reunirem as famílias nos parques das cervejarias existentes então na cidade no final do século XIX. Estes encontros tiveram um papel importante na manutenção das tradições deste povo, representando ali momentos de diversão e lazer em torno dos hábitos e costumes em comum. No Jornal do Comércio (s.d) da cidade de Juiz de Fora, Luiz José Stehling escreve sobre as atividades destes imigrantes:

...costumavam as famílias se dirigirem para os parques das fábricas de cerveja, onde além dos passeios tomavam sua cerveja, soda ou grenadina, acompanhada de sanduwichs feitos com pão alemão e galatinas fabricadas nas casas de proprietários. Isto era comum com respeito a fábrica do sr. Carlos Stiebler, onde além do jogo de boliche tinha instalado uma paralela, um trapézio e argolas.

Esta cervejaria chamada “Dois Leões” ficava localizada na Avenida Botanágua, onde atualmente é a Avenida Sete de Setembro. Segundo Stehling (1979), “ao redor da fábrica de cerveja foi construído um belo parque de recreação, onde aos domingos iam passear numerosas famílias”.

Nestes aparelhos ginásticos presentes na cervejaria do sr. Carlos Stiebler, que a juventude tanto alemã quanto juizforana, que às vezes participavam destes encontros, começaram a praticar exercícios ginásticos incentivados principalmente pelo alemão Hans Happel, que conhecia esta atividade e que passou a ensinar àqueles jovens. Esta iniciativa influenciou no processo de fundação do *Turnerschaft-Club Gymnastico* Juiz de Fora em 1909.

### **A PARTICIPAÇÃO FEMININA NO *TURNERSCHAFT-CLUB GYMNASTICO***

Nos encontros realizados aos domingos nos parques das cervejarias participavam diversas famílias alemãs e teuto-brasileiras. Nestes as funções dos homens e mulheres eram bem definidas e distintas. Aos homens mais velhos, cabiam os papéis de protagonistas, com participação nas reuniões em que o poder patriarcal era colocado em discussão, ou melhor, sua autoridade sobre seus dependentes. Para as mulheres (moças e casadas), cabia apenas o papel de coadjuvante, relegadas a um segundo plano, com responsabilidades na organização e andamento destes encontros, além do zelo familiar. Aos meninos e jovens, a prática da ginástica e jogos eram atividades comuns. Às meninas, era permitida a participação nas atividades ginásticas, em turmas separadas dos meninos.

A relação entre feminino e masculino, como nos mostra Souza e Altmann (1999) é entendida como algo que integra a identidade do sujeito, que faz parte da pessoa e a constitui, ou seja, é aquilo entendido como “a construção social que uma dada cultura estabelece ou elege em relação a homens e mulheres”.

A sociedade brasileira não via com bons olhos a participação feminina em atividades físicas já que neste período histórico, início do século XX, não havia iniciado de forma intensa as discussões de intelectuais brasileiros sobre a relação entre os benefícios da ginástica para as mulheres com engrandecimento geral da nação. Este processo de participação da mulher nas atividades físicas e posteriormente nas práticas esportivas não produziu um perigo para a hegemonia masculina, ocorrendo de forma lenta e progressiva.

Fernando de Azevedo, foi um destes intelectuais que incentivou e mostrou a importância da participação feminina em atividades físicas, em especial a ginástica no início do século XX. Ele, “ao conferir às mulheres um papel social a se concretizar na condução de uma maternidade sadia, seus argumentos são construídos de forma a evidenciar a importância do exercício físico para a realização de tal intento. Exercitação direcionada não apenas para o cuidado e preservação do corpo-saúde das "obreiras da vida" mas também do corpo-saúde da própria nação.” (GOELLNER; FRAGA, 2003).

Determinados atributos eram identificados ao corpo feminino como a harmonia corporal, a graça, a doçura e a delicadeza, que deveriam ser preservados. Aqui identificamos a definição de posição e papel para as mulheres que tem sido discutido e apresentado em diversas abordagens conceituais empenhadas nos desvendamentos de posições, de lugares e de papéis desiguais, construídos histórica e socialmente para mulheres. Esse contexto teórico tem produzido deslocamentos da categoria mulheres para uma nova categoria de análise: as relações de gênero que segundo PISCITELLI (2002), “se desenvolveu no macro dos estudos sobre a mulher.”

Esta categoria pode ser entendida como o conhecimento sobre a diferença sexual que é acrescida pela interpretação de Scott (1995), quando afirma o gênero como: “um elemento constitutivo das relações sociais, baseado em diferenças percebidas entre os sexos e gênero é a maneira primordial de significar relações de poder.” Percebemos o gênero com referências às construções sociais, culturais e psicológicas que se impõem sobre as diferenças biológicas.

Através desta visão, que definia qual deveria ser as vivências masculinas e femininas, segundo Goellner, (2007) nada mais “natural” que recomendar aos homens e mulheres diferentes possibilidades de movimentação. Os homens eram vinculados a aventura, a potência, o desafio, a força; e às mulheres, a aventura comedida, a potência controlada, a força mensurada, o desafio ameno. Para “elas”, em grande medida, é incentivado viver o espetáculo esportivo desde que não deixe de lado a graciosidade, a delicadeza e a beleza, atributos colados numa suposta “essência feminina” (GOELLNER, 2007).

Às mulheres foi sendo concedida e incentivada a prática de atividades físico-desportivas, através de alterações nas representações, pelos próprios movimentos autônomos dessas mulheres, e pela normatização da ideologia higienista e eugênica. (MOURÃO, 2000)

O incremento das atividades ginásticas no pátio da Cervejaria Dois Leões levou os frequentadores à decisão de fundar um clube de ginástica, o qual foi denominado

*Turnerschaft-Clube Gymnastico* Juiz de Fora no ano de 1909. Segue trecho da primeira ata de fundação realizada no ano de 1910:

Aos cinco dias do mês de agosto de mil novecentos e dez, no salão de Recreio da Cervejaria Stiebler, às 9 horas da noite, presente grande número de sócios quites desta União de Gymnastica Juiz de Fora, foi aclamada sua diretoria provisória que deverá reger o destino desta união (... ) proposto que os sócios do quadro de exercícios de gymnastica deverão comparecer no Parque da Cervejaria Stiebler, todas as quartas-feiras, das 8 às 10 horas da noite e, aos domingos pela manhã a fim de detonarem parte nos exercícios obrigatórios.

No dia 05 de junho de 1910, durante reunião, foi aclamada a seguinte diretoria por votação entre os 15 presentes: Presidente: Matheus Kascher; Vice-Presidente: Gustavo Nietzsche; 1º Secretário: Joaquim Ferreira Primo; 2º Secretario: Augusto C. Bastos; Tesoureiro: Carlos Stiebler; 1º Diretor de Ginástica: Gustavo Nietzsche e como 2º Diretor de Ginástica: Hans Happel. No mandato desta diretoria foi aprovada a primeira ata do *Turnerschaft*. (LISBOA, 2010). E em 13 de novembro de 1910 aprovou-se o primeiro estatuto do Clube Ginástico. A comissão formada para sua confecção ficou assim definida: Matheus Kacher, Gustavo Nietzsche, Will Kremer, Rodolpho Stiebler e Hans Happel.

Observamos a presença da ginástica como elemento fundamental das comunidades de imigrantes alemães em diversos locais do país, inclusive com a organização de instituições, como o Deutscher Turnverein, hoje conhecido como Sogipa, fundado em 1867, no Rio Grande do Sul; a Turnverein Neu Hamburg, fundada em 1894, em Novo Hamburgo/ RS; a Sociedade Ginástica São Leopoldo, fundada em 1885, no Rio Grande do Sul; a Sociedade de Ginástica Junerbund, fundada em 1892, em Porto Alegre/RS; a Deustcher Turnverein, fundada em 1888, em São Paulo; o Turnerschaft, fundado em 1890, em São Paulo; e o Turnverein, fundado no Rio de Janeiro, também em 1890.

Neste processo inicial de criação do Clube, a participação feminina foi nula. À elas não era permitido presenciar as reuniões da diretoria, ou decidir sobre assuntos referentes ao Clube Ginástico. Durante muitos anos este impedimento foi percebido por ela. Apenas nos anos de 1960 encontramos a primeira assinatura de uma mulher em uma destas reuniões: Pátria Soares de Oliveira Zambrano, que foi atleta de voleibol e hoje é professora de Educação Física, exercendo durante alguns anos a função de Secretária de Educação da cidade.

Com o conhecimento das atividades exercidas pelo Clube através das diversas apresentações que realizava na cidade e o crescimento dos sócios vindos das diversas classes sociais, algumas entidades passaram a se interessar pelas suas práticas ofertadas. A mais

importante entidade que se interessou pelo Clube e que possibilitou uma mudança na história do *Turnerschaft* foi a Liga Mineira Contra Tuberculose.

A Liga Mineira Contra Tuberculose, diretamente ligada ao estado mineiro, também procurava desenvolver uma verdadeira profilaxia social, proporcionando o tratamento de tuberculosos, ao mesmo tempo em que buscava divulgar os meios de prevenção. Em uma das reuniões realizadas na Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora, o Dr. Eduardo de Menezes, Presidente da Liga Mineira, relatou os meios de se precaver a tuberculose, entre eles, a “educação physica”<sup>1</sup>, incluindo-se a prática de atividade física com destaque para a ginástica.

Além dos que se referem aos perigos do alcoolismo e das habitações insalubres, há a tomar-se em consideração a boa nutrição dos recém-nascidos pelo aleitamento natural e puro, a educação physica e sem sobrecarga intelectual da infância, em collegios que sejam ao mesmo tempo sanatórios e installados em climas apropriados, a alimentação sã do proletario, a vida hygienica e confortavel da mulher do periodo de gravidez, as medidas contra a syphilis, o socorro hospitalar prestado e ao pobre aos primeiros ameaçados da tuberculose. (VARGAS, 2008.)

A ginástica era compreendida como uma receita para os males físicos, assim como para a moralização social. Em uma das cláusulas do contrato firmado entre a Liga Mineira e o Clube Ginástico, esta questão se evidencia:

PRIMEIRA: O presente contracto vigorará emquanto o commodatario realizar, com efficiencia, **os fins hygienicos e moraes (grifos nossos)** da Escola de Educação Physica Dona Maria do Carmo e zelar cuidadosamente pela conservação do prédio e moveis, tudo a juízo do presidente da commodante exclusivamente.

Sobre esta relação entre a ginástica e discurso médico-higienista escreve Carmem Lucia Soares (2007) que “o corpo feminino deve ser fortalecido pela ‘ginástica’ adequada ao seu sexo e às peculiaridades femininas, pois era a mulher que geraria os filhos da pátria, o bom soldado e o elegante e civilizado cidadão”.

No ano de 1912 o Presidente da Liga Mineira, o médico e sanitarista da cidade de Juiz de Fora, Eduardo de Menezes, convocou uma reunião com representantes do *Turnerschaft* sendo eles Oscar Meurer, Hans Happel e Augusto Degwert comunicando a eles que iria organizar uma escola de ginástica chamada de D. Maria do Carmo (nome de sua esposa), convidando o *Turnerschaft* para se responsabilizar pela mesma. Assim escreve Albino

---

<sup>1</sup> Desenvolvimento moral, físico e intelectual do indivíduo.

Esteves (1915): “*Turnerschaft-Club Gymnastico* Juiz de Fora-Funciona no edificio da Escola d. Maria do Carmo Menezes, próximo ao Dispensário Eduardo de Menezes, tendo sob suas vistas todo o material do Instituto de Cultura Physica da mesma escola”.

Um traço de distinção entre as associações alemãs e outras de origens diferentes, é a participação feminina na prática corporal da ginástica, já que em outras sociedades esta prática era muitas vezes destinada especialmente aos homens. A cultura dos imigrantes alemães não impunha muitos obstáculos às práticas corporais por mulheres, costume preservado no *Turnerschaft*, já que a prática da ginástica teve como um dos berços de desenvolvimento a Alemanha, através do Movimento Ginástico Europeu que ocorreu no início do século XIX e que se importava com a prática da ginástica para mulheres.

Segundo Langlade e Langlade (1970), até 1800 as formas comuns de exercício físico eram os jogos populares, as danças folclóricas e regionais e o atletismo. Após este período,

a partir do ano de 1800 vão surgir na Europa, em diferentes regiões, formas distintas de encarar os exercícios físicos. Essas formas receberão o nome de “métodos ginásticos” (ou escolas) e correspondem aos quatro países que deram origem às primeiras sistematizações sobre a ginástica nas sociedades burguesas: a Alemanha, a Suécia, a França e a Inglaterra (que teve um caráter muito particular, desenvolvendo de modo mais acentuado o esporte). (SOARES, 2007)

A Ginástica Alemã, assim como a Sueca e Francesa, desempenhou na sociedade industrial do século XIX importantes funções, com certa particularidade, mas, de modo geral, estes movimentos apresentavam “finalidades semelhantes: regenerar a raça promover a saúde, desenvolver a vontade, a coragem, a força, a energia de viver e, finalmente, desenvolver a moral”. (IDEM, 2001)

Com a possibilidade de uso de novos de espaços, outras atividades ao longo do tempo puderam ser praticadas no clube. Enquanto o clube funcionava no pátio da cervejaria, a ginástica era apenas destinada aos homens e crianças (meninos e meninas). Quando já estava instalada no prédio da Liga Mineira Contra-Tuberculos foi criada uma seção de ginástica para moças no dia 26 de dezembro de 1913 por sugestão das próprias mulheres que viam os homens se exercitando, principalmente porque alguns deles eram pais ou maridos das interessadas. As primeiras alunas foram: Laura Meurer, Natalina Surerus, Carola Stiebler, Cecília Engel, Maria Luiza Erhardt, Hedvig Engel, Jeanette Trieper, Augusta Stiebler, Erminia Monte, Carlota Neves.

FIGURA 1: Primeira turma feminina do *Turnerschaft-Club Gymnastico-1913*



Fonte: Revista do 7ª aniversário do Turnerschaft. 1916. Arquivo pessoal: LISBOA, Jakeline

Em ata do dia 22 de janeiro de 1914 foi colocada em pauta uma discussão sobre a forma de admissão na turma feminina. Para tanto, ficou deliberado que esta seção ficaria sob as ordens dos diretores, observando-se para a admissão: “[...] a pretendente a tomar parte na *gymnastica* deve apresentar proposta por escrito assinada por um dos seus pais ou tutores aos diretores de *gymnastica* que por sua vez deverão apresentar esta proposta à mesa para discussão”.

Quando foi solicitada a abertura da turma feminina em 1913, as interessadas propuseram seu próprio modelo de uniforme visto que as outras turmas já haviam escolhido e confeccionado o uniforme. Em ata, observamos as características deste uniforme: “A senhorita Maria Luisa Erhardt apresenta-se fardada de calção de casemira azul-marinho e blusa branca, sendo o mesmo adaptado e concedido o prazo de 15 dias para que as demais gymnastas se mandem confeccionar-o para se dar então início à instrução”.

Os primeiros relatórios de aulas foram encontrados em documento de 1915. Neste ano havia no quadro de ginastas (homens) 134 sócios, um total de 3.715 frequências. Na outra turma de ginastas (mulheres), havia 38 sócias, um total de 1.440 frequências. Um ano depois, registrou-se um número de 227 sócios, dos quais 118 ativos e 109 passivos. Na turma de moças, o número de sócias ativas era 38. Não houve um aumento significativo de matrículas na turma feminina. Cabe analisar que esta turma era destinada apenas para moças solteiras, em sua maioria filhas de sócios.

Em 1917, em decorrência da Primeira Guerra Mundial, o *Turnerschaft-Club Gymnastico* foi alvo das perseguições que ocorreu aos alemães em todo o país, como observamos em ata o pedido de afastamento do então diretor de ginástica Hans Happel, sendo este precedido por Caetano Evangelista, seu auxiliar de ginástica. Por este motivo, houve a necessidade de mudança no nome do clube, ou melhor, o seu abasileiramento passando a ser denominado Clube Ginástico de Juiz de Fora.

O Snr. Hans Happel tomando a palavra espoz aos demais membros da Diretoria que em vista de se ter reconhecido o estado de guerra entre o Brazil e a Allemanha, não dezejando ele, pelo fato de ter nascido na Allemanha tornar o Club Gymanstico Juiz de Fóra antipático ao povo brasileiro, julga contribuir para o bem do Club, pedindo s/ demissão do cargo de diretor de ginástico do mesmo. (ATA, 05/11/1917)

Importante neste momento mencionar que durante os 70 anos do Clube Ginástico, passaram professores e seus auxiliares, todos eles homens. Não há informação de professoras ministrando aulas, nem mesmo de voleibol visto que esta prática recebia em sua maioria o público feminino. Além disso, havia na década de 1950, um departamento feminino que não era dirigido por mulheres, reforçando o papel secundário e coadjuvante da mulher.

No ano de 1922 foi apresentado em Assembleia Geral um relatório do diretor de ginástica com informações de suas aulas. Segundo este documento, entre o mês de março de 1921 a março de 1922, registrou-se uma frequência total de 3.349, sendo que na turma de rapazes registrou-se 1.220 frequências entre 72 alunos, na turma de meninos uma frequência de 1.599 entre 58 alunos e na turma de moças uma frequência de 530 entre 38 moças. Neste momento, o número de sócias ainda não era muito significativo.

A década de 1920 a participação feminina iniciou dentro do Clube um processo de “desnaturalização” do campo esportivo como essencialmente masculino possibilitando a elas mais um espaço para prática de atividades, na busca de uma emancipação, não deixando de vivenciar suas feminilidades, preocupação esta das famílias.

Segue uma das primeiras fotografias do time de voleibol em partida realizada nas dependências do Clube Ginástica. Este jogo pode ser visto nas filmagens produzidas por João Gonçalves Carriço, um dos pioneiros do cinema brasileiro, natural de Juiz de Fora. Nesta foto, ao centro, encontramos a primeira mulher a obter o brevê em 1939, ou seja, a primeira mulher mineira a pilotar um avião mostrando seu pioneirismo feminino e profissional, em uma profissão exercida majoritariamente por homens.

FIGURA 2: Disputa de voleibol- Clube Ginástico e Colégio Stella Matutina -1934



Fonte: Arquivo pessoal: LISBOA, Jakeline

Segue abaixo relatório do diretor de ginástica no ano de 1936, que consta em ata. Analisando este relatório e comparando-o com aquele realizado em 1921, no que tange à participação na turma de moças, observamos um aumento de 126% no número de alunas, além é claro da abertura de outra turma. Houve também um aumento na turma de meninos em 62%, afirmando desta maneira a confiança e valorização da sociedade diante as atividades desenvolvidas pelo Clube Ginástico.

TABELA 1 – Relatório de aula de 1936

| TURMA   | NÚMERO DE AULAS | NÚMERO DE ALUNOS (as) | FREQUÊNCIA MÉDIA | FREQUÊNCIA GERAL |
|---------|-----------------|-----------------------|------------------|------------------|
| RAPAZES | 94              | 197                   | 43               | 3.789            |
| MENINOS | 94              | 104                   | 31,6             | 2.975            |
| MOÇAS   | 86              | 173                   | 39,6             | 3.406            |
| MENINAS | 86              | 89                    | 23,1             | 1980             |

Fonte: LISBOA, J. D. M. **Turnerschaft: Clube Ginástico de Juiz de Fora (1909-1979)**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da UFJF. Juiz de Fora, 2010.

Além das quatro turmas (rapazes, moços, meninos, moças e meninas), foi aberta uma nova turma para as senhoras. No relatório apresentado no ano de 1940, observamos a presença desta turma com um número elevado de sócias e um aumento significativo, se

compararmos com as outras turmas. Esta turma era composta de pessoas mais velhas e de mulheres casadas que queriam apenas praticar a ginástica.

TABELA 7 - Relatório de aula de 1940

| TURMA    | NÚMERO DE AULAS | NÚMERO DE ALUNOS | FREQUÊNCIA MÉDIA | FREQUÊNCIA GERAL |
|----------|-----------------|------------------|------------------|------------------|
| RAPAZES  | 92              | 246              | 24,3             | 1932             |
| MENINOS  | 90              | 204              | 18,2             | 1814             |
| MOÇAS    | 86              | 186              | 19               | 1472             |
| MENINAS  | 86              | 180              | 17               | 1404             |
| SENHORAS | 122             | 168              | 13               | 1708             |

Fonte: LISBOA, J. D. M. **Turnerschaft: Clube Ginástico de Juiz de Fora (1909-1979)**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da UFJF. Juiz de Fora, 2010.

Se compararmos o número total de alunos registrado no ano de 1936 e 1940, temos um aumento de 109%. Neste momento, o número as mulheres dentro do Clube superou o de homens. Podemos justificar este aumento de sócias pela oferta e participação feminina em práticas esportivas como o voleibol. Os primeiros esportes ofertados pelo Clube foram atletismo, basquetebol, esgrima, boxe além da ginástica de aparelhos. Às mulheres era permitida a participação na ginástica sem aparelhos em consonância com o discurso médico de profilaxia e de desenvolvimento da saúde corporal e também nas aulas de voleibol.

Esta ginástica, no período da inserção do voleibol, sempre precedia esta prática. Era obrigatória a todas as atletas, que eram divididas em turmas e locais de acordo com o desenvolvimento neste esporte. Nos horários de aula das mulheres, os homens não podiam observar e vice-versa. Somente em competições ou festividades que o contato dentro do Clube Ginástico era permitido.

As famílias dos alunos permitiam a prática desta atividade também pelo fato da família dos professores residirem sempre no Clube. Este caráter familiar era visível aos seus participantes, e a figura materna tornava-se uma importante justificativa para a permissão por parte das famílias. Assim escreveu Ivanir Yazbeck e Maurício Gama (1996), reportando ao comportamento de dois alunos e a intervenção de D. Neném, que era esposa do professor Caetano Evangelista:

A presença de D. Neném se faz sempre em intervenções maternas, como no dia em que seu Caetano puniu dois brigões com uma suspensão, baseado no relato de um auxiliar às voltas com um treino entre os menores. Encerrado o expediente, d.

Neném revela que presenciara o incidente e que não fora tão grave assim. Mas o marido manteve-se firme na sentença.

- Imagina- d. Neném tentou mais uma vez- se um desses meninos se envolve em algum acidente lá fora, justamente na hora da ginástica...

Diante da força do argumento, a anistia foi concedida imediatamente

Sobre seu falecimento, escreve Arides Braga no Diário Mercantil:

“Feliz o Clube Ginástico! Viveu sob a direção segura de D. Neném e, agora, feliz, por que vai viver sob seus ensinamentos e guiado sempre pelos exemplos que ela deixou. Uma força viva e latente de dedicação a uma obra que era a continuação de seu lar”. (23/07/1955).

Com a dificuldade em manter as atividades desenvolvidas dentro do clube por diversos fatores<sup>2</sup>, ele foi fechado em 1979. Sobre este fato, relatou Ítalo Paschoal Luiz, último professor do Clube, em entrevista ao Jornal Tribuna de Minas:

Eu mantive de pé a tradição do clube de educação física, levei à frente a ginástica olímpica, fiz retornar o basquete e dei continuidade no vôlei. O Ginástico era, na verdade, um celeiro de atletas, com o qual os clubes da cidade contavam para formar suas equipes. Lá eles iam buscar seus grandes valores. Mas, a tranquilidade foi mesmo somente nos nove primeiros anos. (07/04/1985)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente a mulher era segregada da participação em determinadas atividades, como por exemplo, as práticas físicas esportivas. A ela, era dado o papel de coadjuvante, representativa do papel de frágil, incapaz, destinando seu corpo o papel de mãe, na função de reprodução.

O ideal higienista possibilitou às mulheres a saída deste estado de segregação das atividades físicas-esportivas, mas não deixando de lado a preocupação com a geração de filhos mais saudáveis e fortes, elevando assim o nível de saúde da sociedade.

Percebemos que nos anos iniciais do *Turnerschaft*-Clube Ginástico, o papel da mulher era secundário e que com o desenvolvimento das atividades elas buscaram seu espaço, solicitando a criação de turmas específicas para elas, através da prática da ginástica sem

---

<sup>2</sup> Sobre este assunto: LISBOA, J. D. M. *Turnerschaft: Clube Ginástico de Juiz de Fora (1909-1979)*. dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da UFJF. Juiz de Fora, 2010.

aparelhos já que a atividade com aparelhos era permitida somente ao homem em virtude das capacidades e características necessárias como força e resistência, sendo não exigidas para as mulheres.

Na parte esportiva, às mulheres foi oferecida a prática do voleibol, sendo estas umas das únicas atividades esportivas permitidas, já que as outras (basquetebol, atletismo, esgrima e boxe) eram destinadas apenas aos homens. Mas a participação delas foi fundamental para o desenvolvimento do Clube já que durante a década de 1940 elas representaram a maioria dos associados.

Reconhecemos a importância em novas pesquisas que buscam estudar a categoria gênero para compreender os processos históricos através dos quais se deu a inserção e permanência da participação das mulheres no campo das práticas corporais e esportivas.

## **Referências**

BRAGA, A. *Futebol, futebolistas e etc.* Juiz de Fora, 1977.

CHARTIER, R. *A História cultural: entre práticas e representações.* Lisboa: Difel, 1990.

CHRISTO, M. de C. V. *A Europa dos pobres: Juiz de Fora na Belle- Époque Mineira.* Juiz de Fora: EDUFJF, 1994

GOELLNER, S. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. *Movimento*, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 174 -196, mai/ago 2007.

\_\_\_\_\_ ; FRAGA, A.B. Antinoüs e sandwina: encontros e desencontros na educação dos corpos brasileiros. *Movimento*, Porto Alegre, v.9, n. 3, p.59-82, set./dez. de 2003.

JESUS, G. M. Construindo a cidade moderna: a introdução dos esportes na vida urbana do Rio de Janeiro. *Revista Estudos Históricas*, v. 13, n. 23, 1999.

LISBOA, J. D. M. *Turnerschaft: Clube Ginástico de Juiz de Fora (1909-1979).* Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da UFJF. Juiz de Fora, 2010.

MOURÃO, L. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização. *Movimento*, Porto Alegre- Ano VII – n. 13 - 2000/2

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Porto Alegre: *Educação e Realidade*, v. 20, nº 02, jul./dez., 1995.

Soares, C. L. *Educação Física: raízes européias e Brasil* 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2007.

SOUZA, E; ALTMANN, H. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. *Cadernos Cedes*, Campinas, v. 19, n. 48, p. 52-68, 1999.

STEHLING, L. J. *Juiz de Fora, a Companhia União e Indústria e os alemães*. Juiz de Fora: FUNALFA, 1979.

*Tribuna de Minas*, Juiz de Fora, 07 abr. 1985.

VARGAS, R.C. *Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora: Escolarização e Educação Physica (1889-1911)*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2008.

VAZQUEZ, P. K. *Fotógrafos alemães no Brasido século XIX*. São Paulo: Metalivros, 2000.

Yazbeck, I.; GAMA, M. *O espírito do São Roque*. Juiz de Fora: Lei Murilo Mendes de Incentivo à Cultura, 1996.